

CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA
SEBASTIÃO MATOS

SÃO TIAGO NOS CAMINHOS DE BARCELOS



3(460)

1999

CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA
SEBASTIÃO MATOS

SÃO TIAGO NOS CAMINHOS DE BARCELOS

Câmara Municipal de Barcelos
1999



PRESIDENTE DA CÂMARA
António Barbosa Seara

VEREADOR DA CULTURA
Mário Constantino Lopes

TÍTULO
São Tiago nos Caminhos de Barcelos

AUTORES
Carlos A. Brochado de Almeida
Sebastião Matos

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Barcelos

FOTOGRAFIA
Serviços de Arqueologia da C.M.B.
Graça Silva

DESIGN
Graça Silva

TIRAGEM
1000 Exemplares

DEPÓSITO LEGAL
143110/99

ISBN: 972- 91138- 42-7

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Companhia Editora do Minho

○ Ano Jacobeu

Sempre que o dia 25 de Julho, dia litúrgico da festa de São Tiago Maior, recai ao domingo, celebra-se o Ano Jacobeu. Isto aconteceu em 1999.

Por esta razão muitos foram aqueles que de todo o mundo, mas sobretudo da Europa, se deslocaram a Compostela e continuarão a fazê-lo até Dezembro, percorrendo os caminhos antigos que desde a Idade Média foram calcorreados pelos peregrinos ou utilizando, já não tanto com o espírito de antanho, os modernos meios de comunicação por estradas ou auto-estradas alcatroadas, ou mesmo por via aérea.

Destas multidões que se deslocam a Santiago de Compostela, no ano Jacobeu, na busca ou não da *Indulgência* não podemos de modo algum afirmar que todas o fazem única e simplesmente pelo espírito de peregrinação; para muitas, quando muito, fazem-no inseridas na concepção moderna de turismo religioso.

De facto, se alguns são impelidos pelo espírito e pelo força da fé, muitos outros vão como observadores de um fenómeno de massas, de cariz religioso, como espectadores da reacção das multidões, como turistas, ou única e simplesmente para apreciação da monumentalidade da cidade de Santiago.

As razões que ontem levaram uns não serão bem as mesmas que hoje movimentam outros.

Noutra perspectiva, não será de todo descabido reflectir sobre o ardor e arrojo que os nossos vizinhos galegos criaram à volta de *Santiago*, neste final de século, transformando o *Ano Jacobeu* com tudo aquilo que ele poderia carregar de espiritual, numa propaganda bem orquestrada de cartaz turístico com fortes repercussões financeiras. Hoje como ontem nos podemos interrogar sobre o fenómeno de peregrinar.

No contexto das peregrinações (e não só), desde a Idade Média, Barcelos tornou-se num lugar obrigatório de passagem para quem dos lados o Porto se dirigia a Compostela.

Assim no âmbito do programa *MEMÓRIAS DO SÉCULO XX*, neste mês de Outubro que dedicamos ao património, não podia ser esquecido este fenómeno secular com repercussão e acréscimo invulgares sofridos nos últimos anos.

A Génese

Como escreveu o historiador José Matoso, nunca ninguém saberá explicar a que se deve o sucesso medieval da Peregrinação a Compostela.

O historiador interroga: Foi um fenómeno religioso espontâneo ou uma operação de propaganda bem montada? Resultou da convicção dos fiéis em prestarem culto às relíquias do venerável Apóstolo ou à capacidade de organização do arcebispo Diego Gelmirez, que soube acolher os peregrinos e obter a protecção dos reis de Leão e Castela?

As mesmas questões, levantadas para o sucesso medieval das peregrinações, podem levantar-se hoje.

Onde encontrar a verdadeira razão, a razão profunda que gerou e continua a gerar estes movimentos de peregrinação? Será que a resposta se pode encontrar na própria essência humana, em que o homem sempre procura resolver as suas dúvidas do Além, os conflitos e contradições que, possivelmente, traz dentro de si, os antagonismos em que a sociedade está envolvida, manifestando ansiosamente a aproximação com o plano Divino?

Na Idade Média o homem vive a perplexidade de um panorama de guerra, miséria, flagelos, pestes, movimentos naturais, mas sem a explicação científica de hoje. Partem, num acto gratuito, sem cálculo materialista, sem saberem quando voltam e se voltam, animados pela fé, na tentativa de saírem, por algum tempo, do universo marcado pela imperfeição humana e na ânsia de anteverem a suprema bondade de Deus, por intermédio do Santo protector.

Hoje, na complexidade do mundo em que vivemos, o mundo dos contrastes, das ansiedades e incertezas, do crime organizado, dos *media* e da aldeia global, a peregrinação será uma necessidade do homem religioso e consubstancia a necessidade do encontro com Deus, nos lugares sagrados.

Da Cristianização a Compostela

Para tomarmos conhecimento do processo, ora confuso ora lendário, da cristianização da Península Ibérica, não podemos deixar de penetrar no domínio das letras e recordar figuras como Égira, com a sua – *Peregrinatio* –, Avito e sobretudo de Paulo Orósio que escreveu uma eloquente obra em sete livros – *História contra os pagãos* – considerada por muitos, como a mais importante contribuição para a historiografia latina do século V. Deste século ainda é o bispo Idácio de Chaves, aquele a quem Torres Rodriguez muito justamente chamou de – *primeiro cronista espanhol* – devido aos preciosos contributos que nos legou através da sua *Crónica*. É, através da leitura desta obra, já com um sentido universalista, que tomamos contacto com um conjunto de acontecimentos que ocorreram na Galaecia à chegada dos germanos e também aquela que melhor retrata a instalação dos Suevos na Gallaecia e em Bracara Augusta, que foi elevada à categoria de capital.

No século seguinte brilhará S. Martinho de Dume, mui justamente apelidado de apóstolo dos Suevos, pois a ele se deve a conversão de Teodomiro, até aí um seguidor das doutrinas arianas. Natural da Panónia, este clérigo erudito ficará para a posteridade como o autor de – *De correctione rusticorum* –, um famoso libelo contra as superstições e práticas pagãs seguidas pelos camponeses da Galiza do seu tempo.

Torna-se necessário, também mencionar S. Frutuoso, que foi arcebispo de Braga entre os anos 656 e 665 e que, juntamente com Valério de Bierzo, é considerado como um dos forjadores do monaquismo na antiga Gallaecia. Provam-no e bem as suas duas obras – *Regula monachorum* e *Regula communis* – as quais emparceiram com as de Leandro e de Santo Isidoro de Sevilha, dois dos maiores escritores visigóticos de então.

Oriundos ou não da área administrativa do antigo *conventus bracaurogustanus*, todos eles, à excepção de S. Frutuoso, peregrinaram até Jerusalém, à data o grande centro de romagem, à escala de um cristianismo cujos seguidores, em muitos pontos da Península Ibérica, misturavam cultos com ritos pagãos e confundiam o sagrado com crenças e práticas de natureza mágico-simbólica. De acordo com Oronzo Giordano, o homem medieval aceitava e vivia o sacramentalismo cristão, nas suas formas mais vistosas e espectaculares, sem renunciar totalmente aos rituais mágicos. Se na Igreja celebrava as festividades que recordavam os mistérios da Salvação, também acudia, em massa, aos ritos nocturnos que se celebravam junto dos templos e das capelas votivas, ao pé das árvores, junto das fontes e das margens dos rios. No caso vertente, de acordo com o texto de S. Martinho de Dume, eram práticas há muito arreigadas num território povoado de unidades étnico-culturais de formação muito anterior à difusão do cristianismo.

A propagação do cristianismo na Península Ibérica, de acordo com a versão que foi fixada no século VII pelo beato de Liébana, teve no próprio Apóstolo São Tiago o seu primeiro precursor. De acordo com esta tradição, que não encontra eco na historiografia, nem tão pouco nos padres e autores cristãos da época – Prudêncio, Paulo Orósio, Idácio de Chaves, S. Martinho de Dume, São Gregório de Tours, Venâncio Fortunato, Inocência I, S. Julião de Toledo, Santo Isidoro de Sevilha – o Apóstolo teria viajado até à Península Ibérica, numa data anterior a 44, ano da sua morte em Jerusalém. Esta tradição, afinal nunca fundamentada, seria a base de sustentação para o dilatar da lenda, ao difundir-se o princípio que após o seu martírio, o corpo do Apóstolo teria sido trazido de barco pelos discípulos e enterrado no sítio de Amaia, um ponto perdido entre as muitas rias que rasgaram a terra galega.

Haver, nas plagas ocidentais da Ibéria, os restos mortais de um dos mais importantes discípulos de Cristo, era a prova que Deus estava com os seus filhos das Astúrias, com a sua monarquia que lutava intrepidamente por expulsar os pérfidos seguidores de *Mafona* de um território que havia sido palco de uma evangelização apostólica.

Numa outra perspectiva, igualmente a ter em conta, a sua igreja havia sido alicerçada, também no sangue de mártires, entre os quais a virgem Eulália de Mérida, cujo local do *martyrium* se tornara em centro de peregrinação, já nos alvares do reino visigótico. Aí se deslocou desde Braga, no século VI, São Frutuoso com a finalidade de venerar as relíquias da mártir. Afinal, a sua motivação fora a mesma dos peregrinos que rumavam até Roma e Jerusalém ou até às portas de Guimarães onde repousavam os restos incorruptos de S. Torcato, um dos primeiros Varões Apostólicos, que teria sido mandado desde Roma à Península Ibérica para a evangelizar.

Estando já a Península cristianizada, já tendo sofrido as invasões árabes, foi, entre o ano de 820 e 830 que, na diocese de Iria, se deu a *inventio* das relíquias do apóstolo São Tiago. Os principais protagonistas foram o eremita Paio, que viu as *luminárias* nocturnas sobre um bosque no sítio de Amaia, assinalando o sítio de um enterramento secular e o bispo Teodomiro que, ciente da sobrenaturalidade do fenómeno, penetrou na floresta e tocado pela revelação, identificou o túmulo, como sendo o do apóstolo São Tiago. Assim, pela graça de Deus, num período conturbado do pequeno reino cristão das Astúrias, a descoberta do túmulo do apóstolo São Tiago, nas palavras de J. Matoso, haveria de se tornar *numa revelatio divina dotada de todas as marcas de autenticidade*.

De uma forma insólita, mas que não deixa de ser usual neste tipo de manifestação, o sobrenatural revelou-se num ignorado lugar da Galiza.

Depois de Jerusalém onde se peregrinava até ao túmulo de Cristo e de Roma onde se ajoelhava perante a tumba de Pedro, aquele lugarejo de Amaia iria tornar-se no mais concorrido centro de peregrinação da cristandade ocidental. Todos os demais – Tours, Aix-la-Chapelle, Mérida, Santa Senhorinha de Basto, Colónia – perdiam em prol do primado de uma Compostela em ascensão. Deus assim o entendia. A luta contra os

mouros, a libertação da Península Ibérica, era algo que Ele havia gravado na primeira página da sua cartilha do Tempo.

A *inventio* das relíquias jacobéias surgiu num momento de capital importância para a afirmação do pequeno reino das Astúrias. Este ia gradualmente sacudindo a pressão dos mouros numa Galiza que, atulhada numa infinidade de adversidades, conservava ainda muito de uma tradição cultural e económica cimentada em oito séculos de presença romana e visigótica. A descoberta de tão importantes relíquias, para além da enorme carga simbólica, revelava-se um poderoso aríete nas mãos de um poder político que, a partir de Oviedo, procurava lançar os alicerces de um reino cristão com imperiosa necessidade de extravar as suas fronteiras para lá das míticas montanhas asturianas.

Se caminhar até ao túmulo de São Tiago, não substituíam o dever de peregrinar até Jerusalém e Roma, o simples facto de na extrema *Finisterra* haver relíquias de alguém que havia convivido diariamente com Jesus, alancorava aqueles que até ali peregrinavam, ao universo dos crentes esperançados numa boa acomodação no Paraíso. Para o conseguir, fazia-se tudo: caminhava-se, rezava-se, sofria-se.

Por seu turno o monarca asturiano Afonso II bem cedo intuiu que a solução para os problemas político-militares poderiam passar pela bem organizada igreja católica ocidental, ao consagrar a nova Sé de Oviedo aos Doze Apóstolos e ao dotar a nova igreja erguida sobre o túmulo de São Tiago, com rendas e privilégios.

Cimentou este culto, que nunca mais pararia de crescer, o bispo Teodomiro ao transferir a sua sede episcopal para Compostela.

Consolidaram-no os sucessivos legados dos reis e sobretudo a massa de crentes que por terra e caminhos do mar, cedo demandaram aquele ponto perdido no mapa da Galiza.

Fixou-o definitivamente o tempo lendário ao consagrá-lo como facto histórico o cronista da História Compostelana ao relatar a autenticidade das relíquias e da sepultura e ao demonstrar que o Apóstolo fora na batalha de Clavijo, o *pastor* e *dux* de que nos fala o *Codex Calixtinus do Liber Sancti Jacobi*.

Volvidos dois séculos a *inventio* das relíquias estava consolidada e a primeira igreja fora construída e peregrinos de todo o ocidente cristão rumavam à Galiza. Aí começaram a chegar reis e príncipes, nobres e plebeus, ricos e pobres, fidalgos e clérigos, povo anónimo e peregrinos previamente anunciados.

Do ocidente à bacia mediterrânica suscitaram-se as mais diversas reacções, entre as quais se pode englobar a expedição de Almanzor à Galiza no ano de 997. Na altura pilhou-se o burgo erguido em redor do túmulo do Apóstolo, destruiu-se a igreja, roubou-se o sino que chamava os crentes à oração, mas respeitou-se o túmulo do Apóstolo São Tiago.

Na Galiza de então, onde predominava um ecletismo civilizacional que reflectia as contradições de uma sociedade assolada por séculos de flutuações e mutações políticas permissivas a influências de diferentes quadrantes, o túmulo do Apóstolo São Tiago teve o condão de revelar o seu valor ecuménico sobre um território e povos de culturas bem diferenciadas.

O Peregrino

Antes de partir, o peregrino tomava certas disposições, como fazer o testamento e munir-se de dinheiro (quando tinha posses para isso) para cobrir as despesas de uma caminhada que, sendo longa, implicava paragens, alojamento e esmolas. Vestia indumentária própria, quase sempre uma túnica a cingir os joelhos, uma capa a cobrir os ombros, a sacola cruzada sobre o peito onde guardava as provisões e o documento passado pelo padre ou pelo bispo que o acreditava como peregrino e na mão um forte cajado onde pendurava a cabaça com água ou vinho. Com ele defendia-se dos encontros indesejáveis e com o líquido da cabaça apagava a sede e recuperava o ânimo para mais uma etapa. Como símbolo de peregrino a São Tiago, prendia à lapela ou ao chapéu de romeiro a tão mediática vieira. No caminho acolhia-se às albergarias onde pernoitavam e recebiam bens essenciais como água, lume e sal.

O doente era tratado nos hospitais que foram nascendo nos aglomerados populacionais trilhados pelos itinerários jacobeus. Quando a doença era a malfadada peste, lá estavam as gafarias para o acolher. Nos lugares mais escuros, na volta de um caminho, despontava uma capelinha, um simples nicho alpendrado, uma fonte de mergulho onde o mais sedento e cansado podia parar, descansar e até pernoitar.

O *estatuto* do peregrino implicava sacrifícios, mas também apoio e assistência por parte dos reis, nobres e clérigos. Doavam-se bens a mosteiros para que hóspedes, transeuntes, pobres, órfãos e viúvas fossem assistidos. Nos testamentos destinavam-se bens e rendas para apoiar fluxos de peregrinação, porque era *obra pia* merecedora da misericórdia e da protecção divina.

Peregrinava-se por devoção. A deslocação a Jerusalém, a Roma ou a Compostela materializava-se na incessante procura da salvação, no arrecadar da indulgência divina capaz de perdoar os *monstruosos* pecados cometidos no seio de uma sociedade que hiperbolizara comportamentos e não entendia a miscelânea cultural capaz de gerar desvios não entendidos por grupos para quem a salvação só era possível àqueles que cumprissem fielmente as regras estabelecidas.

Peregrinava-se por penitência. Ela está na inclemência do tempo, na aspereza dos caminhos, nas incertezas da travessia de rios e braços de mar, na exploração desenfreada a que eram submetidos, nos pés gretados, na fome, na água que lhes era negada, nas noites não dormidas, na morte que, por vezes, os surpreendia, antes ou depois de terem alcançado o almejado destino, como aconteceu com Santo Abdão, o *homme boô de santa vida* que foi em *romaria a Santiago* e entrado no reino de Portugal *chegou a huun couto de a Santiago que ha nome Cornelloa que jaz cabo do rio a que chamam Limia*.

Peregrinava-se em busca do perdão. De acordo com o *Liber Sancti Jacobi*, a primeira acção do pretendente a peregrino era confessar-se e arrepende-se dos seus pecados. O perdão dos pecados, o alcançar das indulgências, o sufrágio pelos mortos, o cumprimento das promessas eram objectivos a atingir e para tal enfrentava-se toda a espécie de dificuldades e perigos.

Peregrinava-se por vontade de conhecer outros povos e outras culturas. Na falta de outras fontes de conhecimento viajar de santuário em santuário era a melhor e por vezes a única forma de obter informações e de tomar contacto com outras realidades sócio-económicas e culturais. De acordo com o adágio popular *para saber, passear ou ler*, a única alternativa àqueles que na Idade Média aspiravam ao conhecimento, ou o obtinham através da leitura (e eram poucos), ou se arregimentavam no comércio ambulante, deambulando de feira em feira, calcorreando caminhos ora agrestes e íngremes, aventurando-se até longínquos ermitérios, igrejas, pequenos e grandes locais de culto, ou grandiosos locais de peregrinação. Como bem o entendeu Mário Martins *na Idade Média a lonjura das terras e dos factos aumentava a curiosidade das coisas*.

Para se lá chegar todos os meios de transporte eram possíveis, desde o barco à liteira, do carro de cavalos ao simples cavaleiro. O mais sacrificado e também o mais comum dos peregrinos era o apeado, munido de botas, sandálias e, por vezes, descalço para aumentar o sacrifício.

Peregrinos de Hoje

Sem dúvida, de acordo com as questões levantadas por Matoso, independentemente das vicissitudes vividas através do séculos, em Compostela a organização perdurou e saiu reforçada neste final de milénio, quando o Conselho Europeu, num período em que mais que nunca era preciso alicerçar as raízes da Comunidade Europeia, em 23 de Outubro de 1987, lançou a iniciativa de *Os Caminhos da Europa*, designando como primeiro itinerário cultural *Os Caminhos de Santiago*.

Entre declarações de humanismo social, ideias de liberdade e de justiça, de confiança no progresso, de identidade europeia nas diferenças culturais, propunha o Conselho da Europa a revitalização dos caminhos de Santiago. *Este caminho* tornar-se-ia, assim, altamente simbólico no processo da construção europeia.

Entre outros apelos lançados às autoridades, instituições e indivíduos, o Conselho Europeu assentou em que:

se identificassem, novamente, os caminhos de Santiago em todo o território europeu;

se sinalizassem os principais pontos do itinerário através de utilização do emblema proposto pelo mesmo Conselho;

se restaurasse e valorizasse o património arquitectónico e natural, situado nas proximidades desses caminhos;

se programassem acções de animação cultural na busca do património literário, musical e artístico criado pelos peregrinos de antanho.

Terminava o seu apelo reafirmando: *Que a fé que, ao longo dos tempos, animou os peregrinos e, para além das diferenças e interesses nacionais, os reuniu numa aspiração comum, nos inspire hoje e muito particularmente os jovens a percorrer estes caminhos, em ordem a construirmos uma sociedade fundada na tolerância, no respeito do outro, na liberdade e na solidariedade.*

Como que concluindo a Comunidade Europeia consagra os *Caminhos de Santiago* como um bem cultural europeu, a não perder mas sim a revitalizar.

Porém, não basta conhecer o passado cultural, pois implicitamente isso implica que a cultura e a espiritualidade não podem considerar-se como realidades dissociáveis. Não é possível refazer *caminhos culturais* sem a chama que animou os verdadeiros peregrinos.

Esta a razão das dúvidas por nós acima levantadas, das multidões que se deslocaram a Compostela neste último ano Jacobeu do século e do milénio. Mas, sem dúvida, a Comunidade Europeia veio acrescentar às condições já criadas do passado, novos impulsos e a máquina jamais parou.

Nos dias que correm, diríamos que a mole humana que sazonalmente invade cidades, capitais e modernos centros de peregrinação, do mesmo modo que em Compostela, mais que peregrinos, é um misto do crente que, ao fervor religioso, junta a ânsia de absorver *um caldo de cultura* que lhe permita alargar os seus conhecimentos e o turismo de multidões.

Numa linha de confronto o peregrino medieval peregrinava por *Amor a Deus*. Arrostava com as dificuldades de uma longa caminhada, com afoito transpunha rios caudalosos e se embrenhava na densa vegetação que cercava uma boa parte dos itinerários. Era bem mais do que um simples turista. Era acima de tudo um homem de fé, que sabia ter de observar um conjunto de regras para que a sua missão obtivesse o êxito pretendido.

Os Caminhos para Santiago

Do mesmo modo que *todos os caminhos vão dar a Roma* também todos os caminhos nos levam a Compostela, como bem o esclareceu José Marques: *não se pode falar dos caminhos de S. Tiago no Norte de Portugal desligados da rede viária que se projectava ao longo do país*. Na realidade, nunca houve, no sentido literal da palavra, uma rede jacobea de caminhos. Os peregrinos serviam-se e usavam simplesmente a rede viária existente. Desta, o melhor estudo que conhecemos, apesar de outros posteriormente terem aparecido, ainda é o de saudoso Carlos A. Ferreira de Almeida. As suas *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho* ainda são o melhor estudo, do ponto de vista geográfico, da rede viária medieval.

Falar de caminhos romanos, medievais ou modernos, é intuir a complexidade de uma rede que se divide entre principal e secundária, entre regional e vicinal, entre as vias que ligavam grandes centros urbanos e a multiplicidade de uma rede paroquial cujo objectivo era servir o monte, a agra, a igreja, os vinhedos dispersos pelo território da freguesia. É perceber que o *caminho de Barcelos* ou o *caminho de Ponte* eram vias percorridas por almocreves, feirantes e aldeões, gente de todas as classes sociais que dia a dia, semana a semana, iam mercadejar, encontrar-se com amigos e familiares ou mesmo peregrinar.

Escrever e dissertar sobre o emaranhado da rede viária de então é mergulhar na documentação medieval e perceber que *karraria antiqua* e *strata mourisca* são sinónimos de caminhos, cuja ascendência é bem romana, ao passo que *carreira*, *carral*, estão mais de acordo com a viação vicinal, cuja importância não ultrapassava o quadro jurisdicional da paróquia. Por sua vez *strata* e *breia* (vereda) são sinónimos de vias com alcance bem mais amplo, de âmbito regional. Finalmente, será de considerar que a palavra *calçada* não pode ter pretensões de ordem cronológica (muito dificilmente se conservaria até à actualidade uma genuína calçada romana) significando um caminho lajeado para melhor resistir a intempéries e às águas que livremente por eles corriam. Por isso se construíram poldras e passadeiras laterais para os viajantes, enquanto os carros, em cota mais baixa, eram penosamente arrastados por possantes bovinos num cenário de lama e água. Como o demonstrou Carlos A. Ferreira de Almeida, a calçada medieval era mais estreita e menos regular que a romana. Sendo destinada aos carros de bois, lentos e pesados, eram pavimentadas com grandes blocos de granito, nas zonas de forte inclinação e nas áreas de maior encharcamento. Longe da leveza e da perfeição das vias romanas, eram, apesar de tudo, mais resistentes, consoante o atestam ainda alguns trechos conservados no Entre-Douro-e-Minho da actualidade.

Rumar a Santiago pelos caminhos do Entre-Douro-e-Minho medieval significava aproveitar uma boa parte do antigo sistema viário romano, sobretudo a velha *Via XIX* que ligava a Galiza a Braga, por Tuy e Ponte de Lima e outras mais secundárias, como aquela que unia Barcelos a Ponte de Lima, pela portela da Facha.

Merecem ainda uma especial deferência, a via litorânea que, pela Ponte d’Ave e Rates, rumava à Galiza através da Barca do Lago, de Viana do Castelo e Caminha, sem esquecer uma outra, mais interior, que desde Braga, pela Ponte d’Anhel e pela Ponte da Caridade (Cossourado) descia ao Lima pela Portela de Susã e, depois de atravessar a Serra d’Arga, vinha a postar-se em frente ao rio Minho.

Através da densa rede de caminhos, mais antigos ou mais modernos, os peregrinos procuravam chegar a Compostela. Só que não chegava caminhar sobre terra firme. Era necessário transpor pequenos cursos de água, rios e braços de mar. A passagem exigia barcos e pontes, quando a passagem a vau se tornava problemática ou mesmo impossível.

Construir pontes e instituir barcas de passagem foi na Idade Média uma *obra pia*. Apoiados na documentação medieval, no respeitante às pontes, podemos afirmar, que houve um grande empenho das instituições políticas, sociais e religiosas, no sentido de as construir ou reconstruir, no período que medeia entre o séc. XII e o XIV. Foi o que aconteceu com muitas das que serviram nos itinerários jacobeus do Norte de Portugal e na Galiza. Entre elas destacamos as pontes de Ave, Barcelos, Prado, Ponte de Lima e mais longe, a emblemática ponte de Amarante, obra de S. Gonçalo.

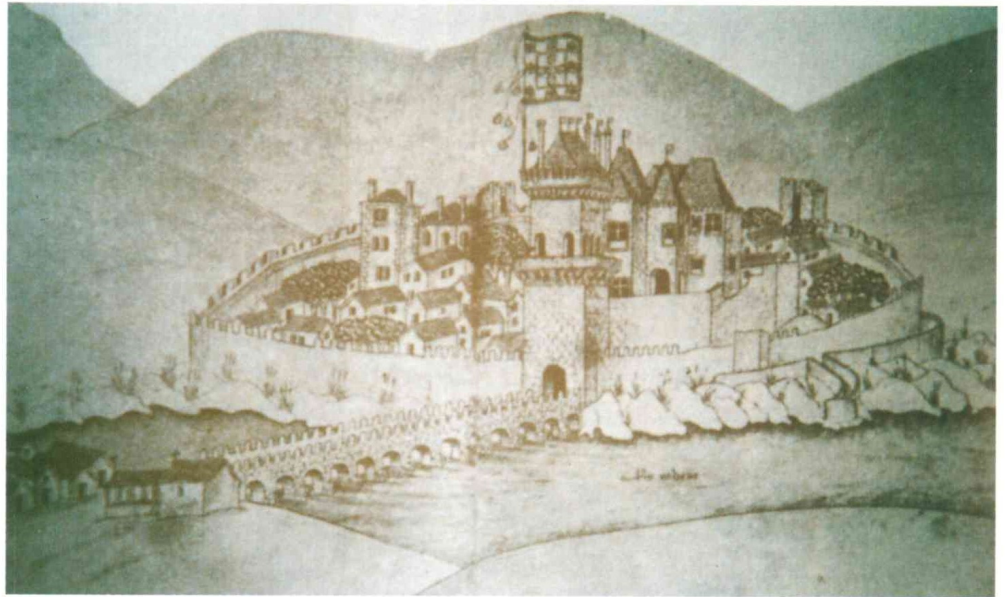
Na falta de uma ponte, os muitos peregrinos recorriam às barcas de passagem que eram numerosas ao longo dos principais rios. Havia-as no Douro, no Ave, no Cávado, no Lima e no Minho. Em quase todas se pagava a taxa respectiva, mas outras havia onde a passagem era gratuita. Eram estas as *barcas por Deus* – Moledo (Régua) e da Barca do Lago – Gemeses (Esposende) – onde os transeuntes eram transportados gratuitamente, porque eram sustentadas por legados e por contribuições dispensadas pelos vizinhos e por todos aqueles que viam naquele serviço, algo capaz de glorificar a Deus e de contribuir para a remissão dos pecados. Manter uma barca a navegar, ajudar a erguer os arcos de uma ponte, era acto dignificante aos olhos do Altíssimo e merecedor de um prémio semelhante ao daqueles que, com os maiores sacrifícios, se faziam ao caminho que os levava para lá do horizonte da sua paróquia.

Os Caminhos Jacobeus no Concelho de Barcelos

Barcelos, tal como S. Pedro de Rates e Ponte de Lima, bem antes da *inventio* das relíquias jacobeias, já era ponto de confluência de vias, placa giratória onde afluíam diversos interesses regionais. Foi, aliás, a sua preciosa situação geográfica, que conduziu à criação do burgo e, com o desenvolvimento económico, à construção da sólida ponte que une as duas margens do Rio Cávado. É verdade que, mesmo antes da construção da ponte na primeira metade do séc. XIV, já por aqui passavam inúmeros peregrinos rumo a Compostela – ricos e pobres, nobres e plebeus, fidalgos e gente do povo, nacionais e estrangeiros. Não é menos verdade que, com a construção da ponte, a travessia do Cávado tornou-se mais acessível, independentemente do caudal do rio ou do funcionamento das barcas, e a passagem pela cidade de Barcelos tornou-se mais fácil, mais apetecida e quase obrigatória. Muito antes da formação do burgo já a colina onde actualmente assenta o centro histórico da cidade era servida por duas vias no decurso da ocupação romana. O seu interesse não extravasava, é certo, o quadro dos interesses regionais liderados por Bracara Augusta, mas também não é menos verdade que o simples facto de estar ligada a vias de maior importância económica e estratégica, tornavam aquele sítio potencialmente apetecível. Uma dessas vias, era a *carraria antiqua* de que nos fala um documento de 906. Vinha dos lados de Famalicão e após percorrer o vale do Rio Covo fazia-se ao Cávado, a nascente da cidade, entre Santa Eugénia e Manhente. A outra, de traçado melhor conhecido, tem um percurso similar à posterior *Estrada do Porto* que entrava no concelho por S. Pedro de Rates e através de Courel, Pedra Furada e Pereira, chegava a Barcelinhos rumando para a outra margem junto à Fonte de Baixo.

Posto estes considerandos, convém afirmar que escrever sobre os caminhos de Santiago no concelho de Barcelos é hoje uma redundância face às propostas já conhecidas sobre a rede viária, que conduzia os peregrinos até junto do túmulo do Apóstolo. Se a maioria dos autores que tem vindo a debruçar-se sobre esta temática, revela ajuizado equilíbrio nas propostas que apresentam, outros há que enveredaram pelo exagero, fruto de um fundamentalismo que pretendem assentar numa verdade insofismável: afinal todos os caminhos vão dar a Compostela. Como em tudo, também na investigação tem de haver moderação e sobretudo rigor para que se não caia no ridículo de certas propostas: estradas rasgadas há menos de um século integradas numa rede, de raiz medieval, de itinerários jacobeus.

Na nossa perspectiva os itinerários de peregrinação jacobeia que ao longo da Idade Média e Moderna mais marcaram a geografia do concelho foram essencialmente três: o caminho do Porto, o caminho de Braga a Viana pela ponte de Anhel e o caminho de Ponte de Lima. Todos os demais, mesmo tendo sido utilizados pelos peregrinos, estiveram longe de ter a projecção e a importância daqueles.



*Desenho de Duarte Darmas
(Barcelos nos inícios do Séc. XVI)*



Ponte Medieval

1 – O CAMINHO DO PORTO

O caminho do Porto, que primitivamente havia sido uma via romana de importância secundária, tinha um traçado único até S. Pedro de Rates. Aqui dava-se uma bifurcação. Um, mais ocidental, pretendia atingir Viana do Castelo, Caminha e por arrastamento a Galiza, por um traçado bastante litorâneo. O outro, mais interior, alcançava Barcelos e Ponte de Lima onde se juntava à *Via XIX*, o principal itinerário que desde a sua fundação romana fazia a ligação entre a Galiza e Braga. À saída de Barcelos este itinerário bifurcava-se em dois trajectos distintos: um dirigia-se à ponte de Fragoso pelo Monte de S. Gonçalo, o outro, flectindo um pouco para nascente, transpunha o Rio Neiva na Ponte das Tábuas.

1. 1. Rates – Courel – Pedra Furada – Pereira – Barcelinhos

De todos os itinerários, este foi o que maior movimento registou ao longo da Idade Média. Era a principal ligação entre o Porto e Barcelos e por isso mesmo o caminho predilecto dos peregrinos devotos de São Tiago. Esta escolha tinha as suas vantagens, na medida em que ao longo do caminho havia apoios, nomeadamente em Barcelos, o mais importante centro regional desta região do Minho.

Saindo de S. Pedro de Rates e tomando a direcção de Macieira, também ela denominada de Rates (na igreja da paróquia há uma imagem do Apóstolo a atestar a importância do culto) a estrada aproximava-se da chamada Ponte do Burrinho que mais não é que um inestético pontão lançado sobre um minúsculo regato perdido entre campos que repartem com algumas bouças o panorama de um território aplanado, lamacento e, por isso mesmo, de difícil circulação nas estações húmidas.

Entre o sítio da Mulher Morta – elucidativo este topónimo que reflecte a realidade de uma morte fora de casa, talvez violenta – e Courel, o caminho está mais ou menos perceptível, singrando entre bouças e terrenos agrícolas, ladeada por velhos muros de pedra que protegem as propriedades. Aqui e ali aparece ligeiramente alterado por apropriações concertadas ou indevidas, mas mais à frente voltamos a encontrá-lo, encaixado entre campos agrícolas que se situam a cerca de 300m a nascente da igreja paroquial de Courel. Em suma, neste limite do concelho o caminho está mais ou menos explícito, só que bastante maltratado por um abandono progressivo e pela lama que se forma sempre que as condições climatéricas são mais invernosas.

A velha via continua até ao lugar do Ferrado no termo de Gual, num panorama semelhante ao anterior, por vezes em pior estado, sobretudo, quando já junto ao muro da propriedade de mato da Casa do Loureiro, no lugar do Sineiro, corre funda e apertada entre um pinhal e o eirado de uma casa de lavoura.

É no interior desta propriedade, totalmente cercada por um alto muro de pedra, que se encontra um dos melhores exemplos de uma estrada abandonada após uma centena de anos de inactividade. O perfil



*Caminho no Lugar do Ferrado
(freguesia de Gueral)*



*Caminho desactivado
Na margem as Alminhas
(Propriedade do Loureiro)*

quase rectilíneo lá está, bem como umas alminhas colocadas no limite, em cantaria cuidada mas já despojadas do painel. O que resta do caminho é o corte invadido por pinheiros e eucaliptos que, conjuntamente com o mato, vão contribuindo para um cada vez maior assoreamento.

Transposto o muro da propriedade do Loureiro, o traçado do caminho ainda é perceptível alguns metros para lá da actual estrada alcatroada com a qual passa a confundir-se durante algumas centenas de metros. Pelo menos até alturas da quinta do Silva, já em território da freguesia de Pedra Furada. Aqui o caminho seguia entre duas propriedades que, com a união, deram origem à quinta do Eng. José António Limpo de Faria. O caminho desapareceu com a junção das parcelas, mas o local onde entrava no muro da actual propriedade, lá está bem marcado por um portão, no presente pintado de verde.

Transposto o muro da quinta a norte, o caminho decalcava a actual *Cangosta da Fonte Velha* até à proximidade do Restaurante de Pedra Furada. Aqui, saía à actual estrada nacional que seguia até ao desvio para a igreja de Pereira. Para trás e lateralmente ficavam capela de Nossa Senhora das Brotas, cuja invocação parece advir da abundância de água que ali jorrava e que servia vizinhos e transeuntes, sobretudo os peregrinos.

Entre a portela, que já pertence a Góios e a freguesia de Pereira, – na berma da estrada está a capela de Nossa Senhora da Guia – a antiga estrada confunde-se com a actual estrada alcatroada. Para o interior, mas não muito distante, há a capela de Santiago de Moldes, presentemente incorporada em Remelhe, mas que de acordo com as Inquirições de 1258 foi freguesia independente sob a denominação de *Sancti Jacobi de Molnes*.

Ao chegar à bifurcação para o lugar da Aldeia, onde se situa a igreja paroquial, a estrada entra numa autêntica encruzilhada. Digamos que nos confrontamos com um problema de escolha e de antiguidade.

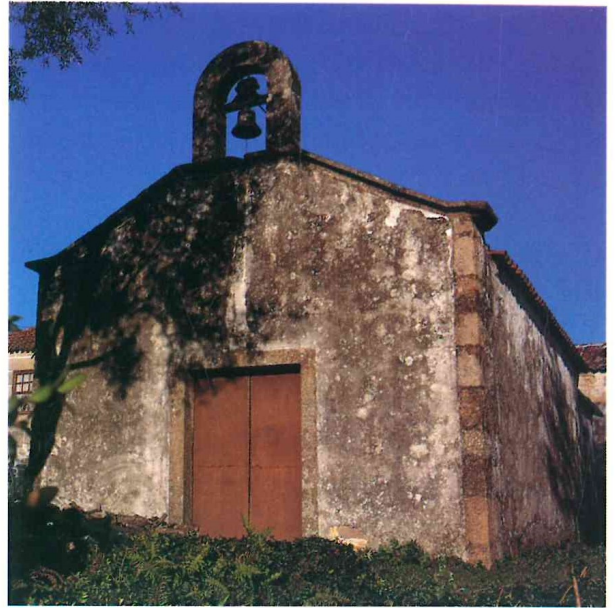
O percurso mais antigo, muito provavelmente de ascendência romana, é seguramente aquele que transita pelo lugar da Aldeia, desce ao lugar de Santagões, cruza a actual estrada de ligação à Franqueira e por Porto Carreiro aproxima-se de Mareces, local onde se encontrava a primitiva igreja paroquial de Barcelinhos, que foi mudada para o sítio actual no século XVII. Mais à frente fazia-se ao Rio Cávado, a jusante da ponte medieval, em frente à Fonte de Baixo. A ponte começou a ser construída em 1325 e a sua conclusão terá ocorrido 3 anos depois, pois nessa data era instituída a capela de Nossa Senhora da Ponte, que conjuntamente com o célebre carvalho, passou a ser um dos elementos mais salientes do brasão da cidade de Barcelos.

Com a construção da ponte, o trânsito pedonal e carrário alterou-se. Abandonou as incertezas de uma passagem pouco segura, frente à Fonte de Baixo, para valorizar a segurança de uma travessia que tinha, na margem norte e a protecção de uma capela dedicada a Nossa Senhora. De acordo com o Livro de Duarte D'Armas, no início da época moderna a capela já era alpendrada, o que se compreende, se tivermos em atenção que ela servia de local de oração, mas também de descanso e mesmo de pernoita. Aqui os peregrinos poderiam repousar nos bancos que ladeavam a parede da capela e alcançar algum refrigério

Cangosta da Fonte Velha



Capela de s. Tiago de Moldes



Capela da Senhora da Ponte



Pia de pedra (Lava-pés)

para os pés, nas pias de pedra que aí havia e que são confirmadas pelas provas arqueológicas que presentemente estão resguardadas debaixo do actual pavimento exterior da capela.

A variante que na bifurcação de Pereira, seguia por Alvelos (lugares de Paço e de Quintão) só aparece na época moderna, altura em que se documenta a mudança da igreja paroquial de Barcelinhos para o lugar do Souto e a colocação da forca de Barcelos – já ali estava, pelo menos, em 1712 – numa bouça do lugar de Areal de Cima, no termo da freguesia com Alvelos.

A certeza que o traçado mais moderno passava por estes sítios assenta na tradição, no topónimo *Carreira* e sobretudo na localização do *Cruzeiro do Galo* que se situava junto à forca, do lado esquerdo da estrada para quem se dirigia à portela de Góios.

O cruzeiro, erradamente atribuído à Idade Média, é uma bela peça em granito, datável do final do século XVII, senão mesmo já do início do séc. XVIII, onde estão esculpidos os motivos e os intervenientes de uma lenda, cujos contornos remontam à Idade Média e são trans-nacionais.

As figuras representadas no cruzeiro numa das faces são de um homem pendente de uma corda bamba, amarrada ao pescoço prestes a ser enforcado, que é sustentado com palma da mão esquerda por uma outra figura, também ela masculina e que pelos símbolos que ostenta – bordão e cabaça na mão direita – mostra ser o Apóstolo São Tiago. Na face oposta há também duas figuras. Uma, de linhas mais femininas, parece ter certas semelhanças com Nossa Senhora. A outra, pelo livro aberto que tem na mão e pelo cajado que transporta, deverá ser considerado como uma representação, mal conseguida, da figura de São Bento, com grande culto na região de Barcelos ou não fossem beneditinos os antigos mosteiros de Vilar de Frades, Manhente, Várzea e mais recentes Palme e Terço, este na cidade. Dos demais símbolos – sol, lua, dragão, Cristo e galo – aquele que verdadeiramente nos interessa é este último, pela simbologia que encerra.

Das muitas análises que se podem fazer à simbologia do cruzeiro uma ressalta e é bem jacobea. A figura principal é um peregrino, que pela sua devoção é assistido miraculosamente, pelo santo Apóstolo. Este salva-o, seja em Barcelos ou em Toulouse onde o milagre, de acordo com o *Codex Calixtinus*, um manuscrito do séc. XII, se realizou na figura de um peregrino alemão, no ano de 1090. O milagre repetir-se-á em Rioja por volta do ano 1418 e difundir-se-á em Barcelos na Idade Moderna. Atesta-o o cruzeiro, a manutenção da lenda e a criação do galo como símbolo do turismo nacional ou como lhe chamou Carlos A. Ferreira de Almeida, a *divindade tópica de Barcelos*.

Passado o sítio onde a forca se encontrava, a estrada descia para o rio, passando em frente à Capela de Nossa Senhora, para atravessar na ponte, que D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis e autor do Nobiliário ordenara que construísse.

Sintomático é o facto de, na proximidade de ambos os percursos, haver duas capelas sob a invocação de S.^{ta} Cruz – Carvalhal (Santa Cruz das Coutadas) e Alvelos – numa clara alusão ao milagre que ocorreu em Barcelos, no Campo do Salvador, (actual Campo da Feira) no ano de 1504.

Cruzeiro do Galo



*O Enforcado sustentado por
São Tiago*

1.2. S. Pedro de Rates – Barqueiros – Barca do Lago – Palme – Fragoso

Dos dois caminhos jacobeus em que se cindiu a velha estrada romana logo a seguir há igreja românica de S. Pedro de Rates, este foi aquele que menos importância teve ao longo da Idade Média, tendo em atenção a escassa projecção dos burgos e aldeias que se espalhavam pela sua orla.

Conhece-se relativamente bem este traçado que passava bem junto à antiga exploração aurífera da Lagoa Negra (Barqueiros) e da capela de Nossa Senhora da Abadia, antes de atingir as margens do Cávado na freguesia de Fonte Boa, concelho de Esposende.

Nesta margem do rio havia uma albergaria que foi palco das tropelias de ladrões que Manuel de Boaventura considerava serem da malta do célebre Zé do Telhado e a passagem fazia-se na barca por Deus. Do outro lado do rio lá estava a capelinha de Nossa Senhora do Lago já cantada numa cantiga de amigo do século XIII, para mais á frente, a estrada novamente se bifurcar: em frente seguia-se, na base da arriba a caminho de Viana do Castelo; cortando à direita subia-se através da actual freguesia de Palmeira de Faro para o planalto de Vila Chã e daqui para o vale do Ribeiro da Aldeia atravessando as freguesias de Palme, Aldreu e Fragoso. Aqui o Rio Neiva era transposto numa ponte com poderosos talhamares e dois arcos de volta quase perfeita. Reparada no século XVI – em 13 de Agosto de 1573 os moradores de Vila do Conde pediam a isenção de uma finta destinada à sua reparação – é seguramente obra anterior, apesar de aí não termos encontrado resquícios da primitiva construção.

2. BRAGA – PONTE DE ANHEL – PONTE DA CARIDADE – VIANA

Conhecida como a *Estrada de Braga* tem a sua filiação assegurada com a distribuição dos topónimos *Breia* e *Carreira* que Almeida Fernandes estudou para o concelho de Viana do Castelo e por duas pontes de ascendência medieval: a Ponte de Anhel e a Ponte da Caridade.

A Ponte de Anhel, no término do concelho de Barcelos, é obra dos finais da Idade Média, bem patente na sua estrutura e nos seus três arcos. Serviu duas estradas: a que vinha da zona oriental de Barcelos através de Manhente, Galegos, Roriz e Alheira e a que ligava Braga a Viana do Castelo, por Darque. Esta, aliás, transitava no limite norte do concelho de Barcelos através dos territórios das freguesias de Igreja Nova, Cossourado e Balugães.

É em Cossourado que se encontra a Ponte da Caridade, uma pequena estrutura em pronunciado cavalete, mas cujas pedras se apresentam em boa parte sigladas. Lançada sobre o Neboínho, um pequeno afluente do Rio Neiva, mostra ainda e bem a qualidade das pedras que lajeiam o espaço inter-guardas, também elas em bom granito da região.



Ponte da Caridade



Caminho em Barqueiros



Ponte de Fragoso



Ponte de Anhel

Como itinerário de peregrinação a São Tiago pouco terá sido aproveitado pelos peregrinos a Compostela, devido à especificidade do seu traçado, mas não deixa de ser sintomático que tivesse servido de elo de ligação a outras vias, mais directas e que faziam o trânsito entre o norte e o sul do Minho.

3. BARCELOS: CENTRO VIÁRIO MEDIEVAL

Barcelos, pela sua posição geográfica, foi desde os tempos pré-românicos um entroncamento de estradas.

No período anterior à estruturação do burgo barcelense, a transposição do rio Cávado fazia-se frente à Fonte de Baixo e mais a montante, por alturas da igreja de Manhente, onde se documenta uma importante estação arqueológica de época romana.

Pela Fonte de Baixo fazia-se a passagem daqueles que vinham dos lados do Porto – a antiga Cale.

As provas documentais não faltam. Facilidade na transposição do rio através de barca ou mesmo a vau quando o caudal o permitia, as referências a uma gafaria e a uma albergaria. Aquela, que já existia em 1177, teve uma certa projecção, ao longo do séc. XIII, atestada pela atribuição de bens em diversas localidades do Baixo Minho. Fazendo eco das palavras de Carlos A. Ferreira de Almeida acerca da sua localização diríamos que *estava situada fora de muralhas, no lugar da Fonte de Baixo, entre a calçada que vinha do vau do rio e de Esposende e a margem do Cávado. Como tantas outras, por causa das esmolos que os gafos procuravam alcançar dos transeuntes, estava localizada na mais frequentada entrada da povoação, desse tempo, e perto do rio porque se acreditava que os ares húmidos favoreciam a cura da lepra.*

A albergaria de Barcelos - *propter albergariam de Barcelus* – aparece-nos mencionada nas Inquirições de 1258 referentes à freguesia de S. Paio de Carvalhal, mas, verdadeiramente, não sabemos onde se situava. A atentar no texto das Inquirições, esta albergaria estava situada no burgo que, à altura, ainda não tinha muralhas, mas que se comportava, em termos urbanísticos, como se já as tivesse. Muito provavelmente estaria à margem da estrada que subia da Fonte de Baixo para o burgo e que à época, por não haver ainda ponte, era o principal eixo viário do sítio.

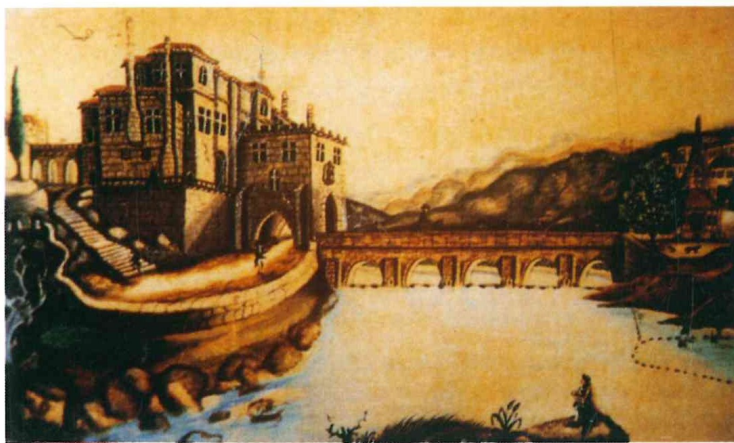
Com a construção da ponte, entre 1325 e 1328, muito se alterou na ordenação do trânsito viário entre as duas margens. O trânsito que antes se fazia entre a Fonte de Baixo e o Cimo de Vila, pelo traçado que redundou na Rua Direita, com a construção da ponte passou a ter uma orientação sul-norte, numa ligação quase directa, entre a ponte e a Porta do Vale. O trânsito carrário e pedestre subia a pequena rampa que passava em frente à igreja, com uma origem românica, mas que a construção ordenada pelo Conde D. Pedro – o seu provável edificador – lhe viria a dar a traça que hoje, com adulterações posteriores, ainda ostenta.



Casa do Condestável



*Sala Gótica
Câmara Municipal de Barcelos*



*Paço Condal
Pintura de A. Pereira*

Os peregrinos viram as suas dificuldades diminuídas com a construção da ponte e com os serviços de apoio que lhe podiam prestar as *enfermarias* do hospital do Espírito Santo que faceva a Rua de Santa Maria, podiam, ainda, encontrar refrigério espiritual naquele templo, que conserva no seu interior a simbologia das vieiras jacobeias, num dos capitéis que sustenta a arcaria norte da nave central.

Transposta a Rua de Santa Maria, hoje totalmente descaracterizada pela destruição do correr de casas do lado poente – somente escapou do camartelo a denominada Casa do Condestável que tem frente para uma das ruas laterais – os peregrinos atingiam o Largo do Apoio e de seguida a Porta do Vale.

No Largo do Apoio, ponto fulcral no urbanismo medieval do burgo e que está rodeado de um bom conjunto de casas de sobrado datadas do início da Idade Moderna, a que não falta qualidade arquitectónica, dois caminhos eram facilitados aos peregrinos: seguiam em frente, atravessando a Porta do Vale ou rumavam à direita, indo à Porta Nova, após a sua abertura em finais do século XVI. Que este seria um dos percursos preferenciais dos peregrinos no início da época moderna, atesta-o a existência de uma capela cuja primitiva invocação era de Nossa Senhora do Rosário e que, por aquela altura, passou-se a designar-se como capela de São Tiago.

3.1. Barcelos – Ponte das Tábuas – Ponte de Lima

De todos os itinerários que se dirigiam, de Barcelos e seu Termo para Ponte de Lima, este foi o de maior divulgação. Era conhecido pelas populações do Vale do Neiva como sendo o *Caminho de Ponte*. Por ele passou, em 1594, entre outros Juan Bautista Confalonieri, sacerdote italiano que acompanhou na sua peregrinação a Compostela, o Patriarca de Jerusalém, Fabio Biondo de Montalto e nos deixou um célebre relato – *Memoria di alcune cose notabili occorse nel viaggio fatto da me Gio. Battista Confalonieri Sacerdote Romano da Roma in Portogallo* – actualmente à guarda do Arquivo do Vaticano.

Antes da construção da ponte sobre o Rio Cávado, a única hipótese era subir a rua que vinha do Vau, passar pelo Largo do Apoio e rumar na direcção de Abade de Neiva, por um caminho que hoje dá pelo nome de Travessa do Carregal e que ainda é possível observá-lo, embora modificado, cortado pela variante e espartilhado entre muros e casas que se estendem para ocidente do Solar de Benfeito. No seu seguimento para Norte passava junto da Capela de Santo Amaro e mais à frente flectiria para direita, (não será alheio o lugar da Breia) na direcção de Vila Boa. O caminho que seguia em frente, até junto da igreja românica de Abade de Neiva, era um outro que se dirigia à Ponte de Fragoso, sobre o Rio Neiva, pelo Monte de S. Gonçalo.

Com a ponte construída, ultrapassada esta, eis os peregrinos na Rua de Santa Maria, que ladeia a sala Gótica dos Paços do Concelho, sala escolhida para esta exposição, Largo do Apoio, Porto Vale, entrando no caminho acima indicado. Este trajecto manteve-se mais ou menos consistente até à altura em que se concluiu a rua actual D. António Barroso e se rasgou na muralha, em finais do século XVI, a Porta Nova.



Vieiras num Capitel



Largo do Apoio



Travessa do Carregal



*Caminho que passa junto à Capela de Santo Amaro
(Abade do Neiva)*

A partir daqui tudo muda, tanto mais que o milagre do aparecimento da cruz, em 1504 no chão do Campo da Feira, viria a alterar os dados e a *obrigar* os peregrinos a escolherem esta nova opção, tanto mais que os preparativos para a construção de um novo templo já se faziam sentir e o espaço adjacente começava a interessar a freiras, monges e leigos: Beneditinas do Terço, Frades Capuchos e Ordem Terceira de S. Francisco. O peregrino do início da época moderna, confrontado com tais *atractivos* teve de procurar então uma outra saída que o levasse até Vila Boa, através do caminho da Pedra do Couto.

Em Vila Boa a estrada passava a nascente da capela do Espírito Santo, junto a um correr de casas que ostentam datas da primeira metade do século XVIII. Mais à frente o caminho foi cortado pela linha de Caminho de Ferro do Minho, mas passada esta, voltamos a encontrá-lo, fundo, entre pinhais até próximo da Ponte Pedrinha, que está no limite administrativo das freguesias de Vila Boa com Lijó. A ponte como actualmente está, é uma construção, tipo pontão, de traça bem recente, mas o topónimo diz-nos que se trata de uma ponte bem antiga. Só que da anterior, nada ficou.

Passada a ponte o caminho continua largo e em terra batida por mais umas dezenas de metros, altura em que flecte para a esquerda, no lugar da Ribeira, indo em linha quase recta até ao largo da capela de S. Sebastião. Trata-se de um traçado com todas as características de uma via antiga, só que presentemente abandonado e intransitável devido aos detritos que nele se têm vindo a lançar.

Junto à capela de S. Sebastião, em tempo não muito remoto ainda, fazia-se no dia da festa, que presentemente é no domingo a seguir ao dia 20 de Janeiro, a benção do gado, o grande suporte do lavrador da região.

Uma centena de metros adiante, junto à via, está a capela de Santa Cruz, a comemorar o milagre do aparecimento de uma cruz num domingo de Junho de 1843, quando se fazia o cerco de São Sebastião. Que a via aqui passava não temos dúvidas se não atente-se nesta passagem das Memórias Paroquiais: ... *no lugar da Ribeira e na estrada real é muito frequente quem vem de Lisboa, Alentejo, Coimbra, Porto para as praças do Minho e para São Tiago da Galiza.*

Daqui até ao alto da Portela, onde há um cruzeiro com símbolos jacobeus gravados no fuste – bordão, cabaça e vieira – a estrada conserva-se mais ou menos perceptível através das freguesias de Campo e de Tamel (S. Fins). Próximos à estrada há duas paróquias cujos padroeiros é São Tiago: Carapeços e Couto. Nesta merece realce o exemplar que se conserva na sacristia. É uma bellissima peça esculpida em pedra de Ançã e que muito justamente poderá ser atribuído a João Alemão.

Atingida a portela a estrada flecte para a esquerda e por traçado quase inexistentes passa muito próximo da nova igreja de Aborim, interrompida pela linha do Caminho de Ferro, mas mais à frente ele volta a aparecer, entre campos, lamacento, onde são visíveis as poldras em certa parte do traçado, para facilitar a passagem dos peões.

Todo o traçado até à estrada que faz a ligação com a igreja de Aguiar é fácil de seguir. As dificuldades



Caminho em Vila Boa. Próximo da Ponte da Pedrinha



Caminho em Lijó. Junto à Capela de Santa Cruz

Cruzeiro da Capela da Senhora da Portela



Pormenor do Cruzeiro

surgem depois, no troço que nos leva até à Ponte das Tábuas, pois uma boa parte dele está abandonado no interior das bouças que cobrem aquele local. Era, precisamente, no topo da bouça mais setentrional que a tradição coloca a existência de uma estalagem ou venda, certamente a mesma onde comeu Canfalonieri e o Patriarca de Jerusalém e *daqui fomos comer à Ponte das Tábuas*. Já na altura a ponte era em pedra, conforme registo do sacerdote italiano – *agora é de pedra* – mas antes havia sido feita de madeira de acordo com um documento datado da primeira metade do século XII. Define este documento, as fronteiras de Cossourado, uma freguesia confinante com a Ponte e que tem também como orago São Tiago.

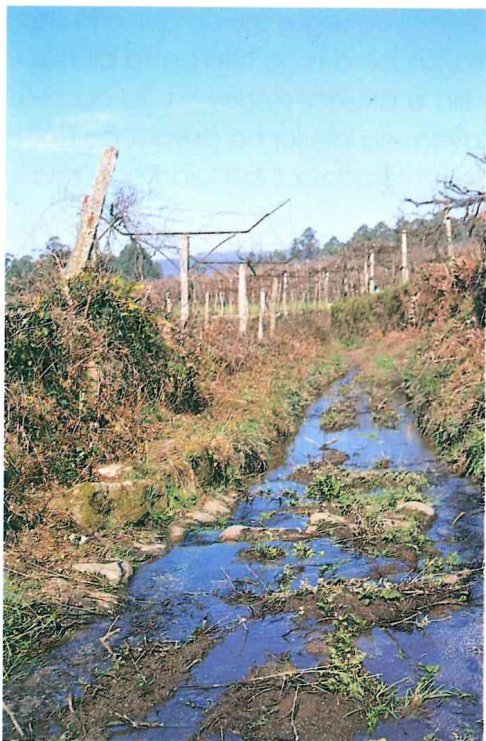
Na actualidade a Ponte das Tábuas está muito maltratada. Não conserva guardas, tem ainda um bom capeado feito com grandes lajes de granito, mas a incúria de deixar crescer livremente os amieiros e salgueiros junto à estrutura tem vindo a arruinar gradualmente a construção. Tecnicamente é uma obra de transição, aliás bem patente na maneira de construir os arcos, que já são redondos, mas que não ignora, por completo o princípio da construção em cavalete.

Transposto o Rio Neiva, a via lançava-se para a portela da Facha através do vale do Neboíno, sobre o qual foi construída a Ponte da Caridade que servia a estrada de Viana a Braga pela Ponte de Anhel e que permitia o acesso ao Convento de Carvoeiro. Em Balugães as duas estradas cruzavam-se antes de atingir a actual estrada nacional, sobre a qual há uma capela de invocação S. Bento. Mais à frente voltamos a encontrar o seu traçado junto à capela de S. Sebastião, já em Poiães, no concelho de Ponte de Lima. Sintomático que o santo padroeiro desta freguesia também seja o já nosso bem conhecido Apóstolo São Tiago.

3. 2. Barcelos – Monte de S. Gonçalo – Ponte de Fragoso

De acordo com a tradição este itinerário pode ser chamado de caminho da Rainha Santa Isabel, enquanto foi como peregrina a Santiago de Compostela. De acordo com o *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel*, a rainha empreendeu uma romaria a Santiago de Compostela após a morte do Rei D. Dinis: *E, ante que se comprisse o ano do dia do passamento delrey, começou esta rainha caminho, sem o dando a entender, pera ir aa eigreja em romaria u jaz o corpo de santiago apostolo*. Como o rei faleceu em 1325, a peregrinação começou ainda nesse ano ou já no seguinte. De qualquer modo, quando a rainha e seu séquito chegaram a Barcelos, as obras da construção da nova ponte estavam no seu início.

Terá então a rainha passado o Rio Cávado na barca a juzante da ponte e seguido o caminho que a conduzia até Abade de Neiva. Nesse traçado ainda não haveria o capela de Santo Amaro, mas mais à frente o topónimo *Breia* (do latim vereda) é claro indicativo que por ali passava uma via antiga, tal como o é a existência, documentada, de um hospital em Santa Maria de Abade de Neiva.



Caminho de Aborim



Caminho desactivado em Cossourado



Ponte das Tábuas



Ultrapassado o terreiro que circundava a igreja românica – o hospital não estaria longe – os peregrinos seguiam por um caminho, muito disfarçado já, mas que ainda é fácil de seguir até ao planalto do Monte de São Gonçalo. Pelo sítio de Barreiro atingia-se o Alto da Corujeira, o ponto mais alto desta planura. Próximo construiu-se então uma capela dedicada a S. Gonçalo que viria a arruinar-se devido ao decréscimo dos peregrinos e à construção de novas vias alternativas, que passavam no interior da povoação dos Feitos – a antiga Echate – também com orago São Tiago. A capela foi recentemente substituída por uma inestética construção, que muito pouco se parece com um local de culto.

No planalto de S. Gonçalo o caminho é assinalado por uma alminhas e pode considerar-se como sendo de fácil trânsito, mesmo a descida para a capela de S. João, que se situa no espaço do antigo Couto de São Vicente, que mereceu de D. Afonso Henriques especial predilecção.

Este sítio, que Carlos A. Ferreira de Almeida, considerou eremítico, tem realmente um interesse especial. A capela actual é uma construção, de boa qualidade estética, do século XVII, mas no seu interior há restos de uma coluna, redonda, que foi pé de altar, com o locus das relíquias. É, parece-nos, uma peça de fabrico e uso pré-românico, o que aliás está de acordo com a tradição de uma antiga capela, bem anterior à actual. No tocante à passagem da rainha Santa Isabel, aqui a lenda aprimorou-se. Lá está a fonte de Santa Isabel, o tanque de Santa Isabel, restaurado, mas que conserva um dos blocos graníticos com uma cruz gravada em alto-relevo e mais abaixo, datadas de 1883, as alminhas de Santa Isabel.

Deixando este idílico lugar os peregrinos desciam para a ponte de Fragoso, descendo gradualmente para a planície através dos lugares de Casinhas e Senra, não sem antes se juntar ao caminho que vinha da Barca do Lago. De referir duas freguesias: Palme com o seu Convento Beneditino, para apoio aos peregrinos, e Aldreu com São Tiago como patrono.

4. OUTRAS VIAS DE PEREGRINAÇÃO

Descritos os itinerários principais ou pelo menos os mais utilizados ao longo da Idade Média e Moderna pelos mais diversos tipos de transeuntes, incluindo os que pretendiam peregrinar até ao túmulo do Apóstolo São Tiago, algumas palavras haverá que dizer ainda de outros itinerários que cruzavam o concelho de Barcelos. Referimo-nos, sobretudo, a dois.

4. 1. Rio Covo – Várzea – Manhente – Ponte de Anhel

Dos dois traçados, este é, sem dúvida, o mais antigo, pois originalmente foi um itinerário de origem romana. Saía ele da estrada romana que ligava Cale (Porto) a Bracara Augusta por alturas da actual Vila Nova de Famalicão (São Tiago de Carreira) e aproveitando as facilidades do vale do Rio Covo atingia o Rio



Caminho em Fragoso



Tanque de Santa Isabel



*Capela de S. João
(Fragoso)*

Cávado, entre Areias de Vilar e Rio Covo (S.^{ta} Eugénia), mais especificamente em frente à igreja românica de Manhente.

Na parte meridional do concelho, este itinerário ganha fundamentação no topónimo que dá origem à freguesia de Carreira, cujo orago é S. Miguel e sobretudo num documento de 960 que refere a existência de uma *carraria antiqua* nos limites da freguesia de Santa Eulália de Rio Covo.

Em linhas gerais, trata-se de um itinerário que tinha grande interesse estratégico no período da formação do reino de Portugal, devido ao facto de nos dois montes que marginam o vale, os homens de então terem erguido duas pequenas fortalezas: uma entre Rio Covo (Santa Eulália) e Midões, a outra num dos esporões mais ocidentais do Monte de Airó. Finalmente este é um dos espaços do concelho que mais vestígios românicos ainda conserva – Midões, Rio Covo (Santa Eulália), Rio Covo (Santa Eugénia) – sem esquecer, como é óbvio o desmantelado convento de S. Bento da Várzea, cujos vestígios românicos se encontram no Museu Pio XII, em Braga.

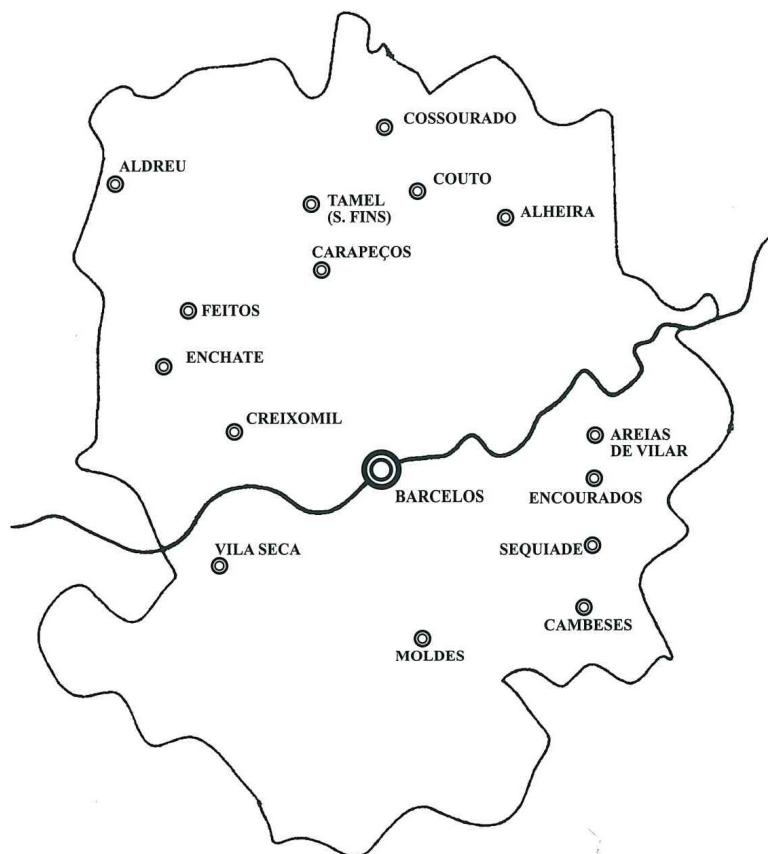
A passagem no Rio Cávado fazia-se em barca e para norte, até à Ponte de Anhel, a estrada está mais ou menos explícita através das freguesias de Galegos, onde há uma capela dedicada a Santo Amaro, Roriz e Alheira, onde um cruzeiro se denomina de São Tiago. Atestam, sobretudo, a sua passagem, topónimos como *Breia* e *Pousada* ao longo deste percurso.

4. 2. Cambeses – Sequiade – Encourados – Areias de Vilar

Este itinerário é certamente uma derivação do anterior. Tendo uma origem semelhante, pois os peregrinos que partindo dos lados de Vila Nova de Famalicão (São Tiago de Antas, Mouquim e Cruz) tinham um caminho que passava pelas freguesias cujo padroeiro é São Tiago – Cambeses, Sequiade e descendo o Monte de Airó até São Tiago de Encourados – podendo a partir daí atravessar na barca de Vilar para Manhente e por Galegos (Santa Maria), seguir na estrada para a Ponte de Anhel; ou então outra hipótese era continuar pela freguesia de Areias, Rio Covo (Santa Eugénia), por trás do Colégio de La Salle, Barcelinhos e Barcelos, tomando então o caminho que melhor aprouvesse para norte.

Não esqueçamos que neste trajecto se encontra o convento de Vilar de Frades, onde os peregrinos recebiam assistência e podiam pernoitar. Carvalho da Costa, ao referir-se ao Couto de Vilar de Frades e às freguesias que o compõe, diz a determinado passo: *...e a de Santa Maria Madalena, cuja renda são sessenta mil réis, aplicados aos Romeiros de Santiago...*

À maneira de conclusão, em qualquer um destes percursos encontramos as freguesias que têm São Tiago como padroeiro, nichos, alminhas com pinturas de São Tiago, cruzeiros, símbolos dos peregrinos, inscrições e devoções particulares e a existência de hospícios, hospitais, albergarias, gafarias, estalagens, mosteiros, conventos e pousadas, onde os peregrinos podiam receber assistência e pernoitar.



Lugares com simbologia Jacobeia

Não deixa de ser importante atendermos à toponímia relacionada com a viandância, as lendas, tradições, feiras, festas, e a invocação de Santos que se relacionem com o culto das peregrinações ou locais de romarias, como São Roque, São Gonçalo, São Cristovão, Santo Amaro.

Resumidamente nestes caminhos encontramos a Gafaria, o Hospital do Espírito Santo, o Hospital de Santa Maria de Abade de Neiva; conventos de Palme, Vilar de Frades, Várzea, Manhente e Carvoeiro; os topónimos de portela, breia, pousada, madorra (...), espalhados por toda a parte; as "alminhas" com a pintura de São Tiago em Encourados (duas), em Areias de Vilar e em Aldreu; o cruzeiro da Capela da Senhora da Portela, em S. Fins de Tamel, no fuste do qual se encontra em alto relevo um bordão com uma cabaça, encimado por uma vieira, e os cruzeiros de São Tiago em Remelhe, Alheira e Vila Seca, sem esquecermos o Cruzeiro do Senhor do Galo que se encontra no Museu Arqueológico e ilustra o mais conhecido milagre de São Tiago, feito a um peregrino, e apoia a lenda do galo.

Os Padroeiros

Em Portugal são 183 as freguesias que têm como patrono São Tiago. Na diocese de Braga são 41, 29 no Porto, 22 em Viana do Castelo, 19 em Vila Real, 12 em Coimbra, 9 na Guarda e Lamego, 7 em Bragança, 6 em Portalegre, 5 em Beja, 4 em Viseu, Aveiro e Évora, 3 em Lisboa e Algarve, 2 em Santarém e Setúbal, 1 em Leiria, Angra e Funchal. Estas freguesias foram contadas a partir do Anuário Católico, sabendo que outras existiram mas que foram extintas. Fácil se torna verificar que a devoção, através dos padroeiros tem uma maior expansão no Norte de Portugal. Não admira, dada a maior proximidade com a Galiza.

No concelho de Barcelos são 10 as freguesias cujo padroeiro é São Tiago, a saber: Aldreu, Cambeses, Carapeços, Cossourado, Couto, Creixomil, Encourados, Feitos, Sequiade e Vila Seca. Além destas 10, também a extinta freguesia de Moldes, anexa a Remelhe em 1566, tinha São Tiago por padroeiro. Não será de desprezar a tradição que nos leva a deduzir da existência de uma antiga igreja (paróquia) em Bustelo, sendo o orago São Tiago, cujos vestígios se resumem a um cruzeiro existente em Alheira, denominado de Cruzeiro de São Tiago.

Na actualidade, depois de Nossa Senhora, sob diversas invocações, padroeira em 14 freguesias do Concelho, segue-se São Tiago com dez.

Embora fosse à volta dos padroeiros que se estabeleceu o fenómeno da difusão da fé cristã e este se encontre sempre em local de destaque na igreja paroquial (do lado direito do altar mor), é certo que estes muitas vezes foram preteridos a favor de outras devoções que ganharam maior impacto popular.

Assim se explica que as grandes festas e romarias realizadas na maior parte das freguesias, não se fazem ao padroeiro. Este fica-se, muitas vezes, no seu dia litúrgico pela simples missa solenizada. O mesmo acontece com São Tiago que apenas tem festa com maior relevância em Carapeços e Aldreu, realizando-se nas outras freguesias pequenas comemorações.

Das freguesias que o não têm por padroeiro só Macieira costuma fazer como principal festa anual da sua terra, a festa a São Tiago, preferindo outros santos e mesmo o padroeiro que é Santo Adrião.

São as imagens de São Tiago destas freguesias que dão substrato à exposição, patente na sala gótica do edifício dos Paços do Concelho.

Iconografia de São Tiago

É muito variada a representação de um dos primeiros seguidores de Cristo o Apóstolo filho de Zebedeu e de Salomé, irmão de João, chamado Tiago Maior para o distinguir do outro Tiago.

Costuma-se representar o Santo, quase sempre, segundo três tipos: o apóstolo, o peregrino e o guerreiro.

São Tiago Apóstolo – é a imagem sem insígnias de peregrino nem armas de cavaleiro, aparecendo em alguns casos com a espada, símbolo do martírio por decapitação a que foi sujeito, pelo livro – a Nova Lei – e a toga, comuns aos restantes apóstolos. Também a cruz primacial dupla, alusiva ao facto (segundo a lenda) de ter sido o primeiro arcebispo das Hespanhas, aparece com relativa frequência.

São Tiago Peregrino – é a representação iconográfica decorrente da eleição do Apóstolo como patrono da Hespanhas. Só em finais do século VIII se consuma a lenda do apostolado de São Tiago na Ibéria a que se seguiu, no início do século seguinte a lendária localização da sua sepultura na Galiza. Um século depois os monges de Cluny organizam a peregrinação a Santiago de Compostela que permitirá a fixação final da lenda e a sua irradiação por todo o lado. A partir daqui dois efeitos, reais ou lendários, coincidem para o mesmo projecto: Santiago lugar de peregrinação e São Tiago o peregrino.

Ao São Tiago peregrino, de que estamos a falar, são comuns três motivos iconográficos:

Peregrino de manto – o Apóstolo majestático, solene, sem que a figura adopte a atitude de marcha, mas com os símbolos da peregrinação: chapéu, bordão, cabaça, romeira sobre a túnica (esclavina) quase sempre decorada com vieiras.

Peregrino em traje de caminho – caracteriza-se pela utilização do traje curto e pela postura de caminhante, traduzindo uma aproximação da representação aos verdadeiros peregrinos e ao seu gosto.

Também é comum encontrar-se São Tiago peregrino a cavalo. Trata-se de uma variante de transição, com túnica e chapéu com vieiras, cavalgando com bandeira e espada. Do mesmo modo, numa espécie de transição entre a figura do peregrino e do cavaleiro, encontramos São Tiago cavaleiro a pé, com traje curto, calçando grevas e sapatos de armadura, bordão na mão esquerda e espada na direita.

São Tiago Guerreiro – é o São Tiago mata-mouros, a cavalo, combatente. Aparece em múltiplas variantes caracterizadas pelo uso da armadura e espada.

Ora vemos o santo pleno de esforço, cavalgando em intrépido corcel, num esforçado movimento conseguido dar pelo escultor, com um olhar acentuado como que a fixar o inimigo de quem se vai aproximando.

Ora vemos o santo com o aspecto heróico e triunfante, espada levantada, enquanto que o cavalo apoia as patas sobre a cabeça e o peito do infiel derrubado.

Nesta iconografia são também vulgares tipos mistos em que aparecem as insígnias de peregrino – vieiras, chapéu e esclavina.

Macieira

Residência Paroquial

Madeira policromada

0,81 m (imagem do Santo); 1,00 m (imagem e cavalo)

São Tiago com espada

Chapéu com vieira

Capa com vieira

Descalço

Séc. XVIII

Esta é a imagem que vai nas procissões, no andor, em dias de festa. Segundo informações colhidas junto de pessoa fidedigna, no passado as rédeas eram correntes de ouro. Esse ouro foi vendido e com o produto foi feita uma festa.

Também há uma explicação para esta imagem ter saído da igreja. Segundo o mesmo informador, há pouco mais de 50 anos, alguém com certa responsabilidade no sítio, determinou que esta imagem fosse substituída por outra, a que se encontra agora no altar, argumentando que não queria *burros* na igreja. O que é certo é que continua a ir nas procissões.



Macieira

Igreja Paroquial – altar lateral

Madeira Policromada

1,43 m

Chapéu com vieira

Romeira com vieiras

Sandálias

Livro

1947

FABRICANTE : Casa Arte Cristã – José Vieira da Fonseca

Rua do Souto, n.º 46/48 - Braga



Remelhe

Capela de São Tiago – atar-mor
Madeira policromada
0,78 m
Chapéu com duas vieiras na dobra
Bordão com cabaça
Livro na mão
Vieiras na romeira
Sandálias
Bolsa
Séc. XVII (último quartel)



Remelhe

Casa de São Tiago (particular)

Madeira policromada

0,57 m

Palma da mão aberta de modo a não agarrar o bordão

Bordão com cabaça

Bolsa com vieira

Livro aberto com a inscrição: Fide sine operibus mortua est

A Fé sem obras é morta

Séc. XVIII

Esta imagem encontra-se na Casa de São Tiago, nas traseiras da cabeceira da capela do mesmo nome, casa onde nasceu e viveu D. António Barroso, que foi Bispo do Porto.

Dado que a mão se encontra aberta, não agarrando o bordão, é provável que este tenha sido um acrescento posterior.



Vila Seca

Sacristia

Madeira policromada

0,57 m

Chapéu com três vieiras

Vieiras na romeira

Bordão com cabaça

Livro aberto

Saco à tiracolo à esquerda

Sapatos

Séc. XVIII

OBSERVAÇÃO: Era esta a imagem que ia nas procissões, no andor, em dias de festa. Porém, com o aumento do fluxo de trânsito na estrada nacional, sobretudo no mês de Julho, época de praias, foi decidido, já há uns anos, a suspensão da procissão.



Vila Seca

Igreja – altar-mor

Pedra policromada

1,40 m

Chapéu redondo com vieiras e espadas

Vieiras na capa

Bordão com cabaça

Livro aberto

Saco à tiracolo

Pés descalços

Tem na base a legenda: S. Tiago Maior

Séc. XVII



Creixomil

Igreja – altar-mor

Madeira policromada

0,84 m

Chapéu com vieira

Vieiras na romeira

Livro fechado

Bordão e cabaça

Botas

Sacola à tiracolo com corda e fecho para o interior

Séc. XVIII



Creixomil

Peanha no Altar das Almas

Madeira policromada

0,48 m

Bordão e cabaça

Descalço

Livro fechado

Bolsa à cinta

Dedos da mão direita partidos

Tinha resplendor

Séc. XVII (último quartel)



Feitos

Igreja Paroquial – peanha ao lado da capela mor

Madeira policromada e vidros a fazer de rubis

0,82 m

Chapéu com vieira

Bordão com cabaça

Livro

Vieiras na túnica

Séc. XX



Feitos

Igreja Paroquial – peanha lateral

Madeira policromada

0,58 m

Chapéu com vieira

Bordão em metal com cabaça

Bolsa à cinta

Livro

Séc. XVIII



Aldreu

Igreja Paroquial – altar-mor

Madeira policromada

1,20 m

Resplendor

Livro

Bordão com cabaça

Botas

Vieiras na romeira

Séc. XX (último quartel)

Fabricante: Casa Nun'Álvares, Rua de S.^{ta} Catarina – Porto



Aldreu

Sacristia

Madeira policromada

0, 25 m

Livro

Cabaça na mão (sem bordão)

Botas

Vieiras na romeira

Séc. XX



Aldreu

Capela da Senhora do Pilar – Peanha a meio da Capela

Madeira policromada

Resplendor na cabeça

Bordão com cabaça

0,56 m

Livro

Botas

Vieiras na romeira

Séc. XVIII



Aldreu

São Tiago de pedra que se encontra na frontaria da Igreja de Aldreu (Séc.XIX).



Couto

Sacristia

Pedra ançã

1,07 m

Capucho na cabeça com vieira ladeada por espadas

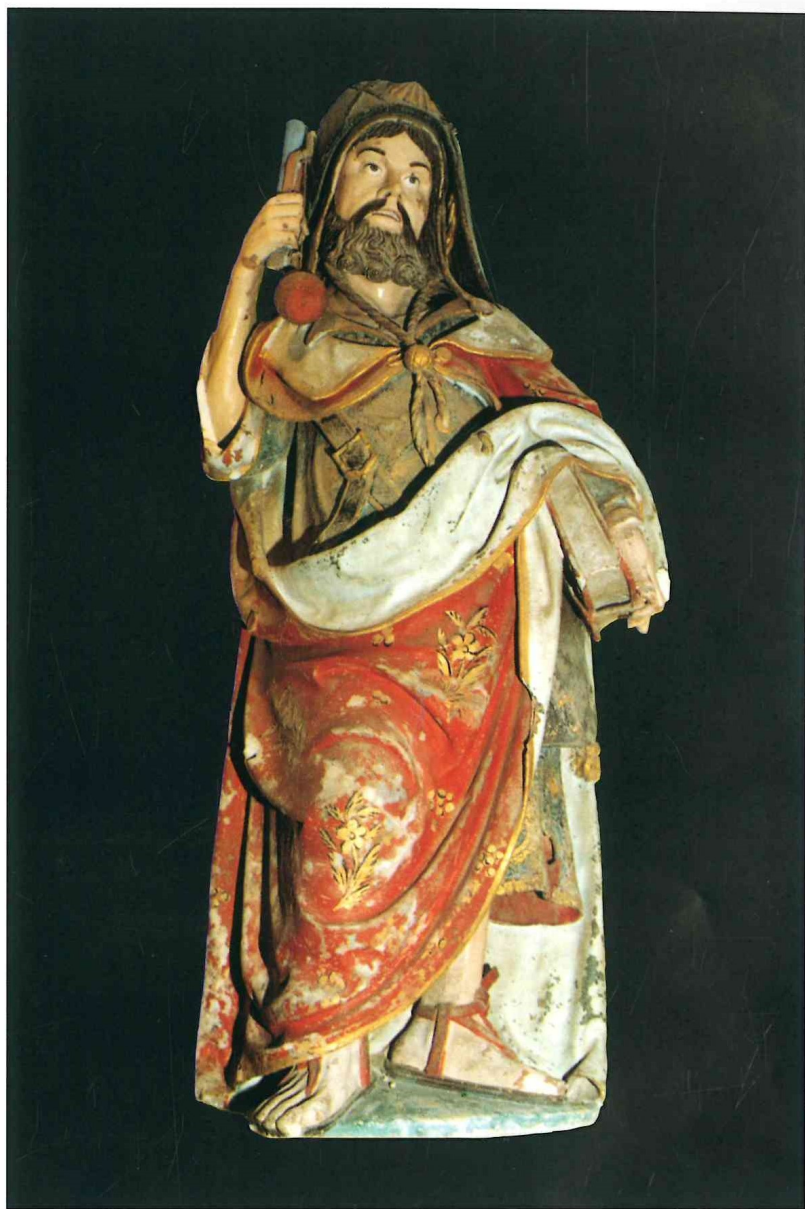
Bordão (só parte superior) com cabaça

Bolsa à tiracolo, presa com correias e fivela

Caligas

Séc. XVI

OBSERVAÇÃO: Segundo um recente estudo do Arq.^{to} António Veiga de Araújo, poder-se-á concluir ser da mesma fábrica da imagem de S. João, também em pedra ançã, que se encontra na mesma igreja e, conseqüentemente com toda a probabilidade de ser uma escultura de João Alemão.



Couto

Igreja – altar-mor

Madeira policromada

0,46 m

Bordão com cabaça

Chapéu com vieira, preso com cordão

Livro

Bolsa a tiracolo presa com correias

Descalço

Séc. XIX



Couto

Pintura a óleo, sobre platex, no tecto da igreja

Chapéu às costas

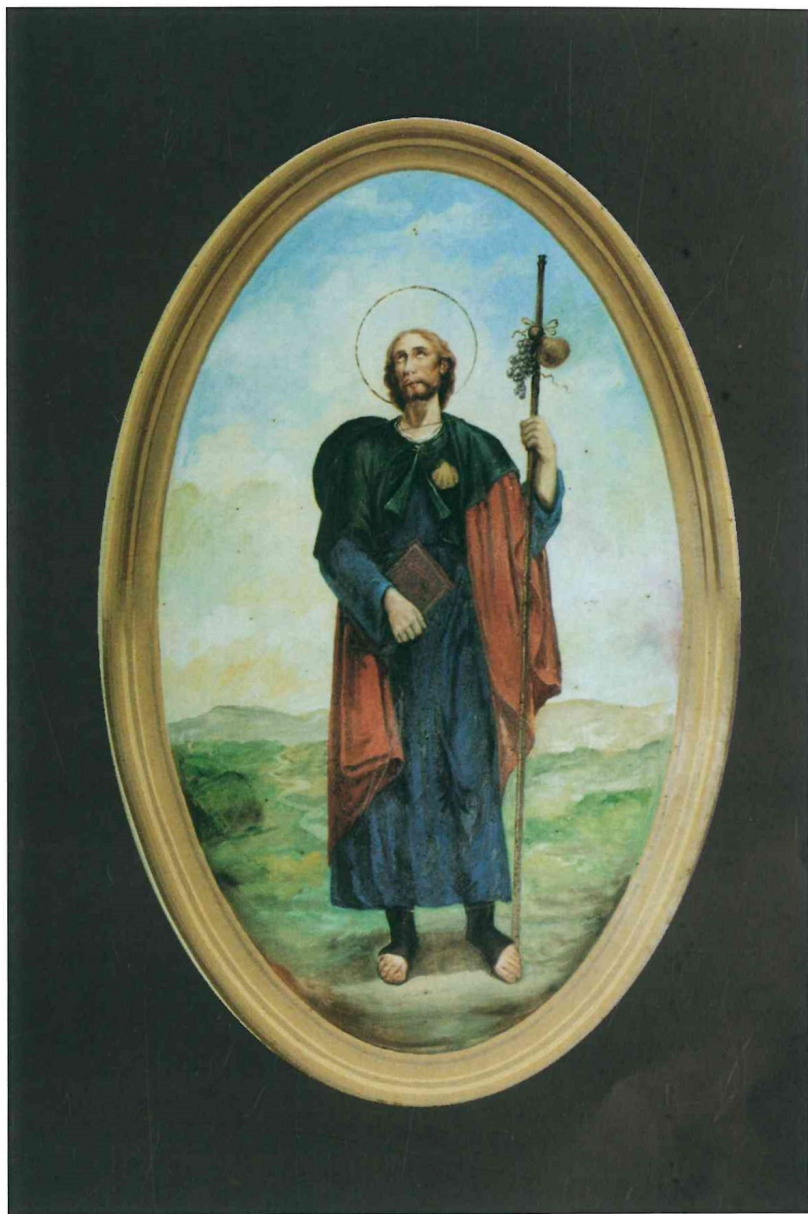
Bordão com cabaça e cacho de uvas

Vieira na romeira

Livro

Séc. XX

OBSERVAÇÃO: De salientar que ao contrário de todas as outras imagens tem o bordão na mão esquerda e o livro na mão direita.



Couto

São Tiago Mata-Mouros – Igreja

Pintura a óleo

2,46 m X 1,49 m

Espada na mão direita e bandeira na mão esquerda

Chapéu

Vieiras e espadas na romeira

Sandálias

Seis mouros sob o cavalo

Séc. XX

Autor: Augusto Duarte - Fragoso

OBSERVAÇÃO: Esta tela foi pintada no início da década de 50, por João Augusto Duarte.

A pintura foi feita a partir de uma estampa originária da Galiza. Tal facto originou algumas diferenças das imagens que temos vindo a tratar, nomeadamente na maneira de vestir e no chapéu onde não se encontra a vieira.



Carapeços

Igreja – altar-mor
Madeira policromada
0,85 m
Bordão com cabaça
Chapéu com vieira
Vieira na romeira
Livro
Com botas
Séc. XIX



Carapeços

Sacristia

Madeira policromada

0,70 m

Bordão com cabaça

Chapéu com vieira

Vieira na romeira do lado direito

Livro

Descalço

Séc. XVIII (1ª metade)



Cossourado

Igreja Paroquial – altar-mor

Madeira policromada

0,98 m

Resplendor na cabeça

Chapéu nas costas

Bordão com cabaça

Livro

Descalço

Séc. XVIII (1ª metade)



Cossourado

Sacristia

Madeira policromada

0,56 m

Chapéu com vieira e espadas

Bordão com cabaça

Livro

Descalço

Séc. XVIII

Esta é a imagem que vai no andor, nas procissões, em dias de festa.



Cambeses

Igreja – altar-mor

Madeira policromada

1,11 m

Bordão com cabaça

Chapéu com três faces e vieiras em cada uma

Livro

Quatro vieiras na romeira

Descalço

Séc. XVIII (último quartel)



Sequiade

Igreja – altar-mor

Madeira policromada

1,05 m

Bordão com cabaça

Livro

Bolsa à tiracolo

Descalço

Séc. XVIII



Encourados

Igreja – altar-mor

Madeira policromada

0,79 m

Bordão com cabaça

Chapéu com vieira

Livro

Bolsa a tiracolo presa com correias

Sandálias nos pés

Séc. XIX (2ª metade)



Encourados

Igreja – sacristia

Madeira policromada

0,45 m

Bordão incompleto

Chapéu com vieira e espadas

Livro

Bolsa a tiracolo presa com correias

Séc. XVIII



Bibliografia

- ABREU, Alberto A., *Caminhos de Santiago no Entre Douro e Minho*, Rotary Club de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 1993.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Barcelos nos Alvares da Nacionalidade*, Barcelos Terra Condal. Comemorações, Barcelos, 1998.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, *Caminhos Medievais no Norte de Portugal*, in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago. Itinerários Portugueses*, Xunta de Galicia, 1995, p.339-356.
- CONFALONIERI, Juan Bautista; LÓPEZ-CHVES MELÉNDEZ, J. M., *El Camino Portugues*, Vigo, 1988.
- CHEVALLIER, Raymond, *Les Voies Romaines*, Picard, Paris 1997.
- FERNANDES, A. de Almeida, *Toponímia Vianense*, Cadernos Vianenses, Tomo IV, Viana do Castelo, 1980, p. 256- 313.
- GIORDINO, Oronzio, *Religiosidad Popular en la Alta Edad Media*, Gredos, Madrid, 1995.
- MARQUES, José, *O Culto de S. Tiago no Norte de Portugal*, separata da Revista *Lusitania Sacra*, 2ª série, 4, 1992, pp. 99-148.
- MARQUES, José, *O Culto de S. Tiago em Portugal*, in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago. Itinerários Portugueses*, Xunta de Galicia, 1995, p. 287-313.
- MATOS, Sebastião, *Cruzeiros e Alminhas de Barcelos*, in *Barcelos Património*, n.º2, 1994.
- MARTINS, Mário, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, Edições Brotéria, Lisboa, 1957.
- MATTOSO, J., *O Tempo Hispânico e a "Invenção de S. Tiago*, in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago. Itinerários Portugueses*, Xunta de Galicia, 1995, p.315-325.
- MORENO, Humberto Baquero, *Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média*, Revista da Faculdade de Letras, História, II Série, Vol. III, Porto, 1986, p.77-85.
- ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da, *Nossa Senhora do Norte nos caminhos de Santiago*, Sep. do CER, n.º 4, Viana do Castelo, 1988.
- ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da, *Barcelos nos Caminhos de Santiago*, in "Barcelos Revista", Ed. CMB, 2ª série, n.º 4, 1993, pp. 95-133.
- ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da, *O Alto Minho e as Peregrinações a Santiago de Compostela*, Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo, 1994.



Pelouro da Cult
Câmara Municipal de

biblioteca
municipal
barcelos



33923

São Tiago nos Caminhos de
Barcelos